

## 11. Kissinger incentiva “moderados” portugueses a agirem

Às 11 horas e 24 minutos do dia 17 de Junho de 1975, Arthur Hartman telefonou a Henry Kissinger para preparar a reunião dessa manhã do *staff* do Secretário de Estado. O diálogo acabou por ser dominado pelos acontecimentos em Portugal e o seu conteúdo merece ser transcrito quase na integralidade dada a importância da informação nele contida, bem como o indiscutível interesse da própria conversa:

«Kissinger: - Pode fazer chegar uma mensagem a Carlucci? Não estamos em Portugal a tentar receber o prémio para procedimentos democráticos. Costa Gomes percebe que se agir nós vamos apoiá-lo?

Hartman: - Bem...

Kissinger: - Sim ou não?

Hartman: - Com base no que temos visto não posso dizer-lhe.

Kissinger: - Estamos a fazer alguma coisa nesta crise ou estamos apenas a “papaguear” e a pensar ... em procedimentos.

Hartman: - Não. Estamos a falar em conceder apoio público

Kissinger: - Estamos a falar. E o que estamos a fazer?

Hartman: - Não sei o que ele [Carlucci] está a fazer. Está a falar com eles ...

Kissinger: - Mas o que está a dizer?

Hartman: - Está a dizer-lhes que devem apoiar os elementos democráticos.

Kissinger: - Querendo isso dizer o quê?

Hartman: - Querendo dizer [Mário] Soares e o PPD. E também promovendo os oficiais moderados e expulsando Vasco Gonçalves

Kissinger: - Com quem está ele a falar?

Hartman: - Ele teve uma conversa com [Melo] Antunes e falou com algumas das pessoas que estão no Governo...

Kissinger: - Para mim, Soares e o PPD são uma “chatice”. Queremos que os moderados ... prevaleçam.

Hartman: - Certo. É isso que eles estão a tentar fazer.

Kissinger: - Queremos ter, imediatamente, uma descrição precisa de Carlucci sobre o que está a fazer. Você vai dizer-lhe que espero que ele esteja a fazer todos os possíveis para que Costa Gomes e [Melo] Antunes percebam que vamos apoiá-los nos seus esforços para impor uma direcção mais moderada. Queremos que eles façam isto com tanto tacto quanto possível.

Hartman: - Certo.

Kissinger:- Ele [Carlucci] não está lá a dar aulas de Ciência Política?

Hartman: - Não

Kissinger: - Ele ... isso não está para além das suas capacidades, pois não?

Hartman: - Não, excepto que ele não é realmente um cientista político, ele é um operacional.

Kissinger: - Um operacional, mas para quem?

Hartman: - Ele é um tipo muito prático e penso que está um pouco na dúvida acerca de alguns militares, mas creio que Antunes é ...

Kissinger: - Concordo. A única maneira de ter a certeza é deixar alguém ganhar e ver o que faz.

Hartman: - Há, neste momento, um perigo – se eles conseguirem “correr” com [Vasco] Gonçalves já – eles estão num horrível aperto económico...

Kissinger: - Mas depois [da queda de Vasco Gonçalves] nós vamos ajudá-los

Hartman: - Sim, mas é uma situação muito má.

Kissinger: - Art, se nos virmos livres de [Vasco] Gonçalves, eu encarrego-me desse problema.

Hartman: - Ok.

Kissinger: - Não me preocupo com esse problema. Se nos virmos livres de Gonçalves e a sua gente, eu próprio encarrego-me da situação económica.

Hartman: - Concordo, é aí que nós entramos. O grupo que o vai suceder vai ter teorias tão loucas quanto Gonçalves, mas têm estado numa melhor orientação política.

Kissinger. - Ótimo. Pelo menos as coisas vão estar um pouco mais fluidas.

Hartman: - E vai haver cada vez menos ligação aos comunistas.

Kissinger: - Isso mesmo. E se pudermos levar os comunistas a movimentarem-se, podemos conseguir esmagá-los.

Hartman: - Bem, eles estão agora nas ruas.

Kissinger: - Quem? Os comunistas?

Hartman: - Quer os comunistas, quer os socialistas. E aquele tipo, [Otelo Saraiva de] Carvalho, que se distanciou um pouco de [Vasco] Gonçalves no outro dia o que parece que pode ser útil para os moderados no final, mas penso que ele [Otelo] quer o poder a um dado momento.

Kissinger: - Bem, vamos lá ajudar os moderados.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup>Kissinger's Telecons, July 17, 1975. <http://foia.state.gov/searchcolls/collssearch.asp>

A conversa telefónica entre o Secretário de Estado e o responsável pela *desk* de Assuntos Europeus do Departamento de Estado era revelador da renovada vontade de Henry Kissinger de influenciar o processo político português num sentido favorável ao Ocidente.

Esta alteração na posição do responsável pela política externa dos Estados Unidos deveu-se essencialmente às informações recebidas em Washington acerca da intensificação do contra-ataque das forças anti-comunistas portuguesas, acção que determinou o início do refluxo do processo revolucionário e em que o PS foi pioneiro, ainda que os elementos militares “moderados” tenham sido decisivos.

O pretexto para a escalada da ofensiva socialista surgiu a 10 de Junho de 1975, dia em que o “caso *República*” conheceu novos desenvolvimentos, com o jornal a voltar a ser publicado, mas agora sob a direcção da comissão coordenadora dos trabalhadores e com o coronel Pereira de Carvalho no lugar de Raul Rego. O PS reagiu nesse mesmo dia abandonando o governo e passando oficialmente à oposição, decisão que foi acompanhada pelo PPD sete dias mais tarde.

Um dia depois, Frank Carlucci relatou para Washington este novo dado da revolução portuguesa, dando ainda conta da carta de demissão enviada por Mário Soares a Costa Gomes. Escreveu o Embaixador: «Na carta de demissão, Soares recorda a história do “caso *República*”, sublinhando não se tratar de uma disputa laboral “como os inimigos da liberdade pretendem demonstrar”. Soares realçou que o Presidente, de forma pessoal, bem como o Primeiro-Ministro e o Conselho da Revolução, afirmaram que o problema ia ser resolvido de modo favorável à direcção do jornal (...) o que não foi cumprido. A carta afirma: “Quem controla o País em ultima análise, dado que o Conselho da Revolução, os mais altos níveis do governo, não conseguem fazer-se obedecer ou ver as suas decisões respeitadas”. Estabelecendo um paralelo com o “caso *Renascença*”, a carta continua declarando que as coisas foram longe de mais e o “caso *República*” é apenas parte de um contexto mais vasto de “crise geral de autoridade do Governo, corroído por demagogia, irresponsabilidade e anarco-populismo”. E termina afirmando: “a vontade expressa pela esmagadora maioria do povo é diariamente desrespeitada ..., por minha parte, não posso continuar a pertencer a um Governo que não governa e que, todos os dias, na prática, abdica das suas responsabilidades... Não foi para isso que o povo deu um mandato inequívoco ao Partido Socialista ... Acredite,

sr. Presidente, que compreendo bem a sua angustia e o seu drama pessoal. *Mas existe sempre um momento em que é necessário ter a coragem de dizer basta*».<sup>2</sup>

A passagem a esta nova fase da luta contra a aliança PCP-“gonçalvistas” foi preparada antecipadamente pelos socialistas, tendo procurado apoios prévios entre os seus aliados internos e externos, nomeadamente junto dos restantes partidos não comunistas, da Igreja Católica, da ala “meloantunista” do MFA, da Europa Ocidental e dos Estados Unidos.

No que diz respeito ao papel desempenhado pela Administração Ford neste âmbito importa referir a existência de contactos estreitos entre o PS e a Embaixada norte-americana por ocasião da saída dos socialistas do primeiro do Governo Provisório.

Segundo o testemunho de Herbert Okun, não só existiu de facto uma ligação entre ambos, como ele e Carlucci instaram os socialistas a abandonarem o executivo liderado por Vasco Gonçalves; afirmou ele: «Nessa altura, lancei a *one man campaign*, para a qual obtive o apoio e a aprovação de Carlucci. Expliquei-lhe que a única razão pela qual o PCP parecia forte era porque pertencia à coligação governamental, ou seja, tinha acesso à maquinaria do Governo. Lançámos a campanha com o Mário [Soares] e instámos a rotura da coligação. Isso aconteceu na primeira semana de Julho».<sup>3</sup> Já na versão de Mário Soares existiram de facto pressões, mas no sentido contrário, ou seja, da permanência do PS no conselho de ministros; referiu ele: «eu tentei várias vezes ir-me embora, mas houve pressões para que não o fizesse».<sup>4</sup>

Os registos existentes apontam efectivamente para a existência nesta fase de uma busca de apoios por parte do PS junto dos seus aliados norte-americanos, bem como europeus, sendo que, segundo um telegrama enviado por Kissinger para Carlucci a 19 de Julho, os socialistas não se limitaram a procurar auxílio político de Washington e chegaram mesmo a solicitar ajuda militar, o que foi no entanto recusado. O conteúdo do documento elaborado pelo Secretário de Estado era claro a este respeito: «Você fez bem em contrariar as recentes propostas dos socialistas e outras fontes relativamente a apoio militar. Haverá outras maneiras, tal como assistência económica, através das

---

<sup>2</sup>«Lisbon, 3933, July 11, 1975», FOIA. Em Itálico no telegrama

<sup>3</sup>Entrevista a Herbert Okun, New York, 3.3.2006

<sup>4</sup>Entrevista a Mário Soares, Lisboa, 11.5.2006

quais poderemos actuar de forma a fortalecer os moderados do MFA caso eles ajam agora, como me parece que devem fazê-lo».<sup>5</sup>

Esta informação foi novamente confirmada por Frank Carlucci num encontro realizado em Setembro de 1975 entre altos funcionários dos Ministérios dos Negócios Estrangeiros dos Estados Unidos, RFA, Reino Unido e França. Na reunião, o Embaixador americano começou por defender o auxílio aos partidos políticos democráticos através do fornecimento de armas, como contraponto à ajuda que o PCP estava a receber nesse campo da URSS; disse ele: - «o uso da violência por facções políticas em Portugal está longe de ser uma contingência remota. Existe uma milícia armada do PCP, o que dá a esse partido uma considerável vantagem na corrente luta em Portugal. Talvez, deva ser dada aos partidos moderados uma vantagem semelhante». E questionado pelo Embaixador do Reino Unido em Washington, Ramsbotham, se «os socialistas tinham pedido armas», Carlucci respondeu afirmativamente.<sup>6</sup>

Como vimos anteriormente através da transcrição da conversa telefónica entre Kissinger e Arthur Hartman, esta procura de apoios externos por parte do PS coincidiu no tempo com a disponibilidade Departamento de Estado para auxiliar os “moderados” portugueses, ainda que a sua preferência não fosse para os partidos políticos mas para os militares não comunistas do MFA, sobretudo Costa Gomes e Melo Antunes.

E o empenho do Secretário de Estado foi ao ponto de, logo após o seu diálogo com o responsável pela *desk* de Assuntos Europeus, chamar o Embaixador soviético em Washington, Dobrynin, ao Departamento de Estado para avisar que o envolvimento de Moscovo em Portugal punha em causa a *détente* Leste-Oeste. Afirmou ele: «Estamos a fazer o máximo esforço para manter o progresso contínuo da *détente*. Uma atenção particular está agora naturalmente colocada na Conferência da CSCE, de 30 de Julho, em Helsínquia. Quero recordar a delicadeza do presente momento da história europeia. A intervenção soviética nos desenvolvimentos portugueses não servirá o curso para o qual todos estamos a trabalhar, mas serve em vez disso para travar o movimento nessa direcção».<sup>7</sup>

Pela mesma ocasião, Kissinger instruiu o seu Embaixador em Lisboa para se encontrar com Melo Antunes e transmitir-lhe que era agora «tempo de agir» e que se os moderados actuassem «de modo a diminuir a influência dos elementos comunistas» iam

---

<sup>5</sup>«Outgoing Telegram, 170880, July 19, 1975», GFL, PCF, Caixa 11

<sup>6</sup>«Memorandum of Conversation», September 16, 1975, FOIA. Para mais pormenores a este respeito ver o próximo capítulo

<sup>7</sup>«Memorandum of Conversation», sd, FOIA

«ter o apoio dos Estados Unidos», podendo esta «revestir-se de várias formas, tais como ajuda económica».<sup>8</sup>

O militar português respondeu ao recado, através de Carlucci, a 22 de Julho: «Não desistimos. Reconhecemos a importância da crise e pretendemos lutar até ao fim. (...) Os próximos vinte dias, ou perto disso, vão determinar se Portugal se torna uma ditadura comunista pró-soviética ou opta por um sistema democrático. (...) Eu e os meus colegas, que não são poucos em número, estamos preparados para lutar duramente por uma democracia pluralista. (...) Dêem-nos um mês e vão saber se fomos bem sucedidos».<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup>«Lisbon, 4127, July 22, 1975, GFL, PCF, Caixa 11

<sup>9</sup>*Ibidem*